



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA**

ELIANA FIGUEIREDO DA SILVA

**BLOG RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE – UM LUGAR DE
MEMÓRIAS DA CIDADE NO CIBERESPAÇO**

**CAMPINA GRANDE
Outubro de 2016**

ELIANA FIGUEIREDO DA SILVA

BLOG RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE – UM LUGAR DE
MEMÓRIAS DA CIDADE NO CIBERESPAÇO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento História da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de
Bacharel/Licenciado em História.
Orientador: Prof. Me. Bruno Gaudêncio.

CAMPINA GRANDE
Outubro de 2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586b Silva, Eliana Figueiredo da
Blog retalhos históricos de Campina Grande [manuscrito] :
um lugar de memórias da cidade no ciberespaço / Eliana
Figueiredo da Silva. - 2016.
22 p. nao

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Me. Bruno Gaudêncio, Departamento de
História".

1. Historiografia 2. Ciberespaço 3. História digital 4.
Memória I. Título.

21. ed. CDD 907.2

ELIANA FIGUEIREDO DA SILVA

**BLOG RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE – UM LUGAR DE
MEMÓRIAS DA CIDADE NO CIBERESPAÇO**

Artigo apresentado ao Departamento de
História da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito à obtenção do título de
Bacharel/Licenciada em História.

Aprovado em: 26/10/2016

BANCA EXAMINADORA

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio
Prof. Me. Bruno R. Albuquerque Gaudêncio (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aline Praxedes de Araújo
Prof.ª. Ma. Aline Praxedes de Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Iordan Queiroz Gomes
Prof. Me. Iordan Queiroz Gomes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

BLOG RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE – UM LUGAR DE MEMÓRIAS DA CIDADE NO CIBERESPAÇO

Eliana Figueiredo da Silva*

RESUMO

Refletindo sobre as possibilidades de uma História Digital pela qual se pode tomar o Ciberespaço em suas peculiaridades para a pesquisa em História, o presente artigo busca analisar o blog Retalhos Históricos de Campina Grande enquanto lugar de memória, e pelas práticas de leitura e escrita como forma de representação, apresentando para tanto, uma breve discussão que passa pela História Cultural, como também, sobre a maneira como determinados teóricos pensaram a memória. Aproxima-se do blog pesquisado, pela prática da História Oral por meio de dois entrevistados, escritores e leitores do blog. Apresenta uma discussão fundamental sobre a História do Tempo Presente buscando situar teórica e metodologicamente o tema de questões recentes.

Palavras-Chave: Ciberespaço; História Digital; Lugar de memória.

1 – INTRODUÇÃO

Conhecendo o acervo da Biblioteca Central da UEPB, Campus I, encontrei um livro que chamou atenção pelo título, uma palavra nova para mim: Cíbercultura, de Pierre Lévy. O ano era 2010, e eu já tinha visto muitas mudanças ciber culturais acontecerem, mesmo não tendo intimidade com as tecnologias de uso pessoal.

Lembro bem do espanto que me causou a leitura. Era a primeira vez que pensava prospecções tão bem fundamentadas para o futuro, o que na graduação em História somos ensinados, com prudência, a nunca fazer. O fascínio foi tanto que comecei a vasculhar, por curiosidade, tudo o que o Lévy havia escrito com tradução para o Português até então. Descobri que era bastante pesquisado pelos comunicadores, como também pelos sociólogos e antropólogos, e que no Brasil o doutor em sociologia pela Sorbonne, André Lemos era um dos desenvolvedores dessas ideias, inclusive com um livro publicado com título idêntico ao do Pierre Lévy.

Iniciei uma leitura avulsa e curiosa que me despendeu muito tempo. Li artigos, dissertações e teorias de comunicadores, descobri saberes que não poderia aplicar diretamente à pesquisa em História, então pensei o *Ciberespaço* como um lugar depositário de memórias, quis tomá-lo como fonte. Nos primeiros contatos com professores e professoras, possíveis orientadores fui radicalmente desencorajada. A esta altura, graças a Internet, também já havia

* Aluna de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Endereço eletrônico: elianafigueiredo64@gmail.com

lido trabalhos de historiadores brasileiros sobre o tema, que em sua maioria, mostravam o quanto era instigante e possível trabalhar o *Ciberespaço* e a cibercultura relacionada à História, como também sobre as práticas ciberculturais no ensino de História, mas, que não tocavam nos pontos centrais aos temas. Segui só, e assim, não é possível escrever uma história.

Foi quando observei na “linha do tempo” da minha página de *Facebook*[†] algumas publicações de imagens e textos sobre a história da cidade de Campina Grande – PB, publicados no Blog Retalhos Históricos de Campina Grande, criado pelo Administrador e professor Emmanuel Sousa e pelo advogado Adriano Araújo que serve de depositário de artigos, matérias jornalísticas, imagens, documentos fotografados e materiais audiovisuais, todos digitalizados, sobre a história da cidade, que recebe contribuições de historiadores e . Observando as potencialidades de uma História Digital, as possibilidades de leitura e escrita da história da cidade, e da Internet como ferramenta capaz de ser utilizada pelo profissional da História. Chamou-me atenção esse lugar onde se podem guardar memórias e acessá-las, sem a poeira de um arquivo físico. Dessa forma, o objetivo do trabalho é observar o Blog Retalhos Históricos de Campina Grande enquanto lugar de memória e em suas peculiaridades na realização de uma história, mundializada e fragmentada, depositada no *Ciberespaço* e permeada por escritas e leituras diversas.

A emergência cibercultural tem se tornado cada vez mais presente na vida cotidiana. Dividimos nossa atenção entre a realidade *ciber* e a vida material e concreta. As imagens e os simulacros se impõem como verdade e atravessam a vida privada e em comunidade, sem prévia autorização, de tal maneira que nos vemos emaranhados na rede dos computadores conectados. Para além das vivências no ciberespaço, e dos resíduos e vestígios que deixamos na Rede que podem ser “materiais” de pesquisa para o historiador do/no tempo presente, vivemos numa época em que o mundo da matéria almeja o virtual. Na era da informação, a vida privada e as ações das pessoas no tempo resultam, cada vez mais, em documentos digitais e digitalizados dada, por vezes, a incapacidade do arquivamento físico.

Nesse momento, em que as distâncias diminuíram diante dos meios de comunicação e relações através da rede, este artigo busca promover um diálogo entre a história produzida na academia e a que é produzida fora dela, no espaço *ciber*. Para isso buscamos apoio no pensamento de Pierre Nora (1984), sobre o qual discutimos as possibilidades do nosso objeto enquanto lugar de memória diante de tamanha vontade de

[†] Site de relacionamentos disponível em: < <http://www.facebook.com> > com maior número de participantes no Brasil desde 2011.

memória; apoiamo-nos também em Roger Chartier (1998) para pensar o blog RHCG enquanto espaço de escrita e leitura. Refletimos sobre a História do Tempo Presente, Agnès Chauveau e Philippe Tétart (1999) pela novidade de nosso tema, e entrevistamos duas pessoas diretamente envolvidas com o blog, utilizando a prática da História Oral, Fabíola Holanda e José Carlos Meihy (2007) na intenção de compreender aquele espaço como um lugar para/de história, que já produz a sua própria, neste tempo.

2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA METODOLÓGICA

2.1 - História Digital – Escrita e leitura no tempo presente

Leandro Coelho Aguiar em sua pesquisa de mestrado intitulada *Cultura digital e fazer historiográfico* concluída no ano de 2012, na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, dedicou-se ao levantamento dos dados sobre as pesquisas já realizadas que se voltaram às questões da que já podemos classificar como História Digital. Na sua pesquisa, observa que além da necessidade de descrever procedimentos para a prática dessa História, estas reflexões abrem um novo paradigma historiográfico, que de acordo com ele, será digital.

Estas questões que já se apresentam como necessárias na pesquisa histórica ganham cada vez mais grupos e espaços de diálogos, periódicos e espaços para divulgação de trabalhos de pesquisa no/sobre *Ciberespaço*. Um exemplo é a Revista de História da ANPUH, que migrou exclusivamente para o formato digital.

Um desses coletivos, de acordo com Aguiar, é o grupo *História A Debate* (HAD) sediado na Universidade de Santiago de Compostela – Espanha, que se dedica a pesquisa de metodologia, teoria e práticas de História, publicou um manifesto sobre *o ofício do historiador como alternativa historiográfica para o século XXI* em 1993 (AGUIAR, 2012), esse texto chama atenção para a “fragmentação do saber histórico” pela internet, mas também trata da revolução no acesso a bibliografias e fontes, além de percebê-la como ferramenta interativa e expressiva para os grupos sociais, considerando suas especificidades de identidade e suas possibilidades de acesso.

Existem outros paradigmas que são trazidos à tona. A questão do documento é um deles. A partir da apropriação do computador no fazer histórico, o foco deve estar no problema abordado. O documento já não existe por si, mas sim, devido ao seu valor relativo, podendo ser armazenado em suportes variados. A narrativa é outro paradigma renovado por acontecer em diversos níveis (DARNTON, 1999, apud. LUCCHESI, 2013) O escrever digital pressupõe um leitor digital, que direciona sua leitura no sentido desejado, enviesando,

cruzando, subindo ou descendo as páginas, abrindo e fechando sua leitura naquele assunto que mais lhe interessa e, ao final, poderá ter suas questões formadas pelos próprios caminhos que fez.

A digitalização, como atualização de um paradigma tecnológico (AGUIAR, 2012), promove uma reestruturação simbólica do poder informacional. Temos também uma redefinição dos limites da linguagem, criando novos espaços de discurso e conseqüentemente, de memória, oferecendo ainda, espaço para outras falas que nem sempre tiveram no cerne das mídias tradicionais de tipo um-todos[‡].

Mas, a principal questão nessa renovação dos paradigmas do fazer historiográfico é a questão do tempo. A ideia de tempo linear se torna cada vez mais frágil diante dos avanços tecnológicos. O historiador Carlos Ginzburg em palestra[§]sobre o tema, no Brasil, afirma que diante do presente eletrônico, o passado se dissolve cancelando a história, abolindo a noção de tempo e espaço, reduzindo séculos em minutos e segundos. Devemos lembrar que esta reconfiguração do tempo acontece em todas as áreas científicas e também na vida cotidiana, transformando a noção de memória, o que atinge diretamente a História.

A ideia de memória-rede surge assim “pelo processo mútuo de fragmentação e globalização, pelo próprio movimento desordenado, não precisando de ordem prévia” (Ibid. apud. MURGUIA; RIBEIRO. 2001). Aquilo que se pensou inicialmente como um fim para a História, o *Ciberespaço* e o hipertexto, são na verdade, uma possibilidade de recomeço com uma narrativa aberta, ramificada em que o leitor tem a oportunidade de escolher, como será sua experiência de leitura.

Com o tempo e espaço relativizados, a possibilidade de comprovação dos problemas pesquisados também se altera, sendo necessário repensar a noção de verdade que estará mais conectada a própria memória e a eficiência das tecnologias de informação e comunicação. A argumentação é o aspecto que pode fazer com que o leitor aceite ou rejeite as narrativas digitais.

São muitas as incertezas e desafios que se apresentam ao historiador contemporâneo, que se dedica a este campo da História. Um deles é a própria nomenclatura que, se quer, está definida, o que faz parecer que estas questões são menos importantes. Vem

[‡] Mídia de tipo um-todos são os dispositivos comunicacionais como imprensa, rádio e televisão onde um centro emissor envia mensagens para um grande número de pessoas; diferente da mídia de tipo um-um como o correio ou o telefone que possibilitam comunicação de um ponto a outro; e do tipo todos-todos como acontece na comunicação ciber que permite a interação com todos de um determinado grupo. Essa última, de acordo com o filósofo Pierre Lévy (1999), proporcionaram significativas mudanças culturais.

[§] História na era Google. Licença padrão do YouTube. S/ local. Fronteiras do Pensamento. 2010. 15 min. e 14 seg. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=CqxP9taRUvA> > Acesso em: Março de 2016.

se consolidando pelo mundo, em países como Inglaterra, Itália e EUA, centros de estudo e pesquisa sobre a informática voltada às ciências humanas. A partir desses centros de pesquisa, tem se estabelecido mesmo como *História e Historiografia Digital* como uma definição de nome pra esse campo de pesquisa.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) provocaram mudanças nas relações entre os indivíduos, desses indivíduos consigo mesmos, além das relações sociais e espaço-temporais. Já não há mais possibilidade de verificar o mundo contemporâneo, sem estas ferramentas.

2.2 - Escrita e leitura no contexto da História Cultural

A História cultural surge num momento posterior à crise dos paradigmas nos anos 1970: a Guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo e dos meios de comunicação de massa - com o questionamento das bases explicativas do real como o marxismo e a Escola dos Annales, mas ainda dentro dessas mesmas vertentes. No Brasil, esta crise paradigmática só chegaria aos anos 1980, e era a partir do materialismo histórico que melhor se explicava a realidade, no contexto de autoritarismo militar que se viveu até a metade daquela década.

Voltando-se a cultura, a História trouxe da Sociologia a ideia de *representação*, categoria fundamental no novo olhar da História na pesquisa. A representação é todo o conjunto simbólico e discursivo, através de imagens, objetos ou ações performáticas, que promove reconhecimento, identificação, e que desperta, no inconsciente coletivo, um conjunto de significados assim como nos mostra Sandra Pesavento (2003). E pela verossimilhança o Historiador pode se aproximar da realidade, da maneira como ela foi construída até o seu presente. Tudo o que podemos acessar do passado, é representação dele. Outra categoria implantada pela História Cultural foi a *Imaginação*. Esta ideia atualizou o conceito de mentalidade praticado pelos Annales, ainda ligado à ideologia de classe. O imaginário seria tudo aquilo que consideramos realidade, a maneira como representamos o social e lhe atribuímos veracidade. O Imaginário ganha substância na composição de discursos, mitos, crenças e do sonho.

No contexto da Nova História Cultural a *narrativa* também surge como uma possibilidade de mediação entre o tempo do acontecimento, no passado, e o tempo presente, da escritura. Seria um terceiro tempo, o da *imaginação*, que tem valor de verdade, baseada em documentos e autorizada pelo historiador. Assim como também a *ficção*, que no sentido da reconstrução do real a partir de indícios, enuncia um regime de verdades distanciado da

ciência, mas, aproximado da literatura. Consiste num trabalho que envolve seleção, exclusão e reordenamento dos fatos de acordo com os pressupostos de quem pesquisa, e que produz efeito de verdade. Todos esses instrumentos de pesquisa, utilizados pelo viés da História Cultural, lançaram luz sobre as sensibilidades, as subjetividades, as histórias de vida, as emoções, as crenças e as intuições. A vida privada e as diversas formas de sentir, também passaram a ser historicamente pensadas.

A história do livro e da leitura de Roger Chartier (1998) e as práticas e representações em torno das ações de autores, editores e leitores norteia esta pesquisa no contexto da História Cultural. Em conversações com Jean Lebrun, no texto *A aventura do livro ao navegador*, Chartier apresenta um panorama da cultura do livro desde a antiguidade, dos livros de rolo e da Biblioteca de Alexandria, aos nossos dias, passando pelo medievo e pela modernidade, sempre buscando observar a relação do leitor com o texto diante das transformações dos meios e materiais.

A existência de técnicas ou modelos de leitura que organizam as práticas de certas comunidades torna pensável o projeto da, ou das leituras, que não caísse numa espécie de coleção indefinida de singularidades irreduzíveis, a dos místicos, a dos mestres da escolástica da Idade Média, a de determinada classe social do século XIX etc. (CHARTIER, 1998, p. 92). Os modos de produzir livros e a posse desses materiais também foi pensada pelos pesquisadores. A possibilidade do texto eletrônico disponível hoje, maleável e aberto a apropriações e reescrituras os levou a remontar o lugar de poder dos editores e autores de livros, e das associações que construíam com o Estado ou entre o coletivo de editores.

Hoje, podemos pensar em livros que nascem disponíveis a assumirem outros formatos: digitais ou áudio visuais, por exemplo, com os quais, nos relacionamos mais com o significado da obra, que com o formato em que vai a público. As relações entre o corpo e o livro, também pesquisadas por Roger Chartier, também mudaram ao longo dos séculos. Do leitor de gabinete ou da leitura nas bibliotecas; ao que lê livremente onde quer que deseje aproveitar sua leitura. Com a abertura das práticas de leitura para o mundo social, a imprensa, é possível pensar numa remodelação dos lugares de leitor e escritor que se misturaram muito mais a partir do século XVII e XVIII. Quando não, as próprias bibliotecas se abriram ao contato com os leitores em lugares diferentes de seus prédios originais.

Com a revolução eletrônica, os objetos de leitura convencionais perdem exclusividade. Abre-se um novo lugar onde os papéis de autor, editor e leitor se misturam quase espontaneamente. Jean Lebrun afirma, em conversações com Roger Chartier (1998) que a revolução do texto eletrônico deveria trazer a encarnação do projeto das Luzes, de acordo

com o qual, todos teriam acesso ao conhecimento e todos contribuiriam com ele. Um tanto distante desse sonho, o que já existe é a possibilidade de intervenção no debate político ideológico através da comunicação em rede, que não acontecia no mundo do impresso.

Devemos pensar assim no texto atual com uma existência plural, nas publicações em papel e no hipertexto. O texto eletrônico não impossibilita a existência dos outros formatos, mas acrescenta a indestrutibilidade do texto, em sua significação não material, pelo maior tempo possível. O suporte eletrônico pluraliza e ramifica aquilo que é imprescindível ao livro: o leitor, único capaz de inscrevê-lo na memória.

2.3 - História do Tempo Presente e a atualidade do objeto

Este artigo nos coloca a necessidade de refletir sobre as possibilidades da História do Tempo Presente pela atualidade do objeto pesquisado O Blog Retalhos Históricos de Campina Grande, disponível na Rede desde 2009, um objeto muito novo, portanto. Acostumamo-nos a observar as estruturas duráveis e os acontecimentos de longa duração sendo considerados como mais significativos e determinantes pelos idealizadores da Nova História. Daí o descompasso quanto ao número de pesquisas que abordam o presente histórico. Mas, em 1963, Jean Lacouture lançou a coleção “A História Imediata” e abriu caminho para a pesquisa em tempos próximos, e em 1978 foi criado o Instituto de História do Tempo Presente – IHTP, consolidando a pesquisa de História do presente.

A história escrita no presente, sobre os tempos passados próximos, carrega na maioria das vezes, às impressões de um pesquisador que foi testemunha ou contemporâneo ao acontecimento, ator ou espectador do momento escolhido, capaz de contar memórias sobre o que, na pesquisa, tenta compreender. Por esse motivo, a História do Tempo Presente foi criticada pelas correntes que defendem uma história mais científica, mas ganhou espaço entre os que pensam que o historiador também é um sujeito histórico e dedicado em satisfazer demandas sociais pela via da história. “A epistemologia da história do presente consiste, portanto, em interrogar a história a fim de propor novos dados que aumentarão sua capacidade de explicitação [grifo do texto] e sugestão.” (CHAUVEAU e TÉTART – 1999, p. 36).

O historiador do tempo presente, sujeito da história, exerce sua escrita de acordo com o clima ideológico que vivenciou. Os acontecimentos de que fez parte povoam sua memória, marcam sua identidade e preenchem as questões que fará dentro da curta duração. A história que viveu evidencia o contexto histórico e aponta o lugar social que permeiam sua

escrita de maneira consciente, ele administra uma dialética entre sua memória individual e a história que escreve.

É verdadeira a relação que a História do Tempo Presente tem com o Jornalismo (com o bom jornalismo) pelo caráter dos objetos em parte, comuns. Em muitos casos, esses objetos também têm dimensões na mídia: cinema, televisão, e, nos últimos anos, na Internet. Embora nem tudo disposto no presente, pelas mídias, seja de real interesse da história, é possível verificar uma necessidade de afirmação da memória e da identidade coletivas pela efemeridade proporcionada pelos processos de mundialização da cultura e pela consequente aceleração da história.

Contudo, não somente é possível pensar em uma história do presente como é necessário considerar sua prática intensa pela História Oral. “Se há contemporaneidade entre o [SIC] testemunha e o historiador, existe em compensação uma distancia temporal entre a ação de testemunhar e a ação contada pela testemunha.” (CHAUVEAU e TÉTART. 1999, p.107) A presença da testemunha diante do historiador que registra no momento da entrevista, não somente a descrição dos eventos, mas, sua ação performática (HOLANDA e MEIHY, 2007), às impressões e modificações que o tempo fez em suas lembranças, são privilégio do historiador do tempo presente.

2.4 - Memória e Memória-rede

Para pensar as possibilidades de lugar de arquivamento e memórias do blog Retalhos Históricos de Campina Grande – RHCG revisamos algumas das principais ideias sobre memória coletiva. Para o sociólogo Maurice Halbwachs, (PESAVENTO, 2003) o primeiro a diferenciar memória e história e a estudá-la fora do campo da psicologia, tudo o que lembramos são nossas vivências, a partir de laços afetivos, quadros sociais, pertencimento social e identidades no coletivo. Assim, a memória que depende das identidades coletivas, em processo permanente de transformação, pode chegar ao fim quando se rompem os laços de identificação com o grupo pelo esquecimento, nesse momento, começa a operação intelectual e crítica do registro histórico.

Já o historiador Pierre Nora, vê a necessidade em se registrar a memória, pela aceleração da história. Os lugares de memória preservariam vivências e costumes que já não se encontrariam no cotidiano e teriam tripla função: material, simbólica e funcional, sendo lugares de significação simbólica. Podemos pensar aceleração da história, “uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer

coisa como desaparecida (...) A ascensão à consciência de si mesmo sob o signo do terminado” (NORA, 1984, p. 7) como condição possibilitadora das necessidades de se construir cada vez mais, lugares para se guardar, arquivar memória selecionada, de modo que possa ser revisitada.

Os lugares de memória são a afirmação de que a memória coletiva, viva entre os indivíduos de um grupo e identificadora deles, já se perdeu, e que por isso, é preciso criar arquivos e tantas outras formas de lembrar-se do que, por motivos específicos de quem seleciona, não deve cair em esquecimento. Essa memória guardada nesses lugares já não deve ser encarada como memória, pois já passou pelos processos típicos da história. A memória arquivada nesses lugares, já é, pois, história. Dada à aceleração da história, essa sensação de que tudo se desgasta e se perde muito rapidamente, aumentaram os suportes exteriores de memória. No tempo presente, esses lugares multiplicaram-se pelo maior volume de arquivo que se produz e pela possibilidade do arquivamento tecnológico.

De acordo com Jacques Le Goff (1982) o século XVIII foi o momento da História em que a memória coletiva passou por uma rápida dilatação a partir do desenvolvimento da imprensa. Pela primeira vez, a memória separa-se da tradição oral. Nesse processo de alargamento da memória coletiva, pela imprensa, dicionários e enciclopédias são compiladores de informações e saber. A memória volta a ser buscada pelos historiadores, em outros lugares como cemitérios, museus, bibliotecas, em objetos como moedas, selos, estátuas comemorativas, fotografias, ou em acontecimentos como festas cívicas.

Mas em meados do século XX, “O aparecimento, no decurso da II Guerra Mundial, das grandes máquinas calculadoras, que está inserido na enorme aceleração da história (...) pode ser recolocado numa longa história da memória automática” (LE GOFF, 1982, p. 49-50). Diferentemente da memória humana, “a memória das máquinas se impõe pela sua grande estabilidade, semelhante ao tipo de memória que representa o livro, mas combinada com uma faculdade evocativa até então desconhecida”.** Com o surgimento da memória eletrônica e o consequente uso dos computadores pela História, a memória ganhou um novo e revolucionário instrumento, o banco de dados. O conjunto dos tipos de memória ganha um novo elemento, a memória eletrônica.

O fenômeno tecnológico ocorrido na metade do século passado modificou as realidades no social, a maneira como a memória passou a ser registrada, e a forma como temos acesso a esses materiais. De acordo com E. Murguía e R. Ribeiro (2001) os registros da

** Ibid. Ao citar Leroi-Gourhan em *O Gesto e a Palavra* – 1983, p. 50.

memória em história, passam pela aceitação de um suporte. É próprio ao fazer da história, torná-la um ato comunicável, que possa ser compreendido pela hermenêutica, depositado em um suporte, que pode ser material, ou no caso, digital. No suporte tecnológico contemporâneo, a ideia de memória-rede^{††}, um entrelaçado de informações por onde se pode transitar livremente com a possibilidade de acessar os conteúdos e interferir neles, é um conjunto aleatório de informações que se cruzam, e que estão disponíveis ao acesso

Com a ideia de rede, todos os dados estão conectados: a partir de um é possível entrar em todos, e nenhum deles impede de se entrar nos outros. A memória-rede não precisa de uma ordem prévia, é o próprio movimento desordenado no sentido de fragmentado. (MURGUIA e RIBEIRO, 2001, p. 185)

Todas essas ideias demonstram a vontade de guardar memórias que, se não poderem ser revividas, tal qual o desejo de parar o tempo, possam ser apreciadas de perto, num constante exercício de fazer lembrar.

3 - O BLOG RHC: APROXIMAÇÃO PELA HISTÓRIA ORAL

Optamos pela História Oral como metodologia de pesquisa neste trabalho. Afirmando-se no Brasil após a abertura política, 1985, e com a chegada aos currículos universitários da História do Tempo Presente, às pesquisas que envolviam cultura e memória ganharam mais um dispositivo. Trata-se de um conjunto de procedimentos associados que resulta em um novo material, o documento oral, com intenção de esclarecer questões levantadas pelo pesquisador. Deve ser aplicada no contexto de um projeto articulado e que integre pesquisador e entrevistado, cumprindo determinadas exigências metodológicas.

O procedimento consiste em gravar entrevistas e transformá-las em textos escritos, mas, não apenas isso: o acontecimento da entrevista deve ser além de um acordo pré-estabelecido, um encontro entre as pessoas interessadas, de maneira que seja facilitado um entendimento social entre elas, diante da relação de poder que se estabelece entre o que é dito e o que será transcrito. Essa prática exige dos pesquisadores uma dedicação extra em reconhecer os relatos orais como forma de saber, além de retirar deles, no momento da transcrição, os valores em forma de experiência com sentido social.

3.1 - Blog Retalhos Históricos de Campina Grande

^{††} Fausto Colombo (1991) usa a metáfora do labirinto para tratar da experiência de leitura nos arquivos e das experiências de memória, como resultado da relação entre as informações novas e as informações já apreendidas pelos leitores. O leitor pode perceber o sistema de arquivamento como um todo, inteiramente; assim como de maneira aproximada, observando os detalhes; ou ainda como uma experiência irrepetível num sistema de rede.

Despertou-nos a curiosidade a existência de um espaço virtual que produz e divulga uma história de Campina Grande, independente de instituições acadêmicas. O blog Retalhos Históricos de Campina Grande é o objeto pesquisado nesse trabalho.

Na rede mundial de computadores conectados blog, ou blogue, se aporuguesada, resulta da simplificação do termo do mundo da rede, weblog^{‡‡}, este resultante da justaposição das palavras da língua inglesa web; da Internet, e log; o registro de atividade ou desempenho regular de algo. Trata-se de uma página em que se publicam textos, fotos, vídeos ou áudios, podendo ser atualizados regularmente e que disponibilizam um espaço para a intervenção dos visitantes leitores. Costumam tratar de assuntos específicos e são mantidos por uma ou mais pessoas. Na rede é um serviço gratuito e acessível a qualquer pessoa que possua uma conta de correio eletrônico.

O blog do nosso objeto de pesquisa é especializado na história da cidade de Campina Grande e já existe há sete anos, desde 2009, publicando materiais como artigos, matérias jornalísticas, imagens, áudios e vídeos sobre os mais variados temas relacionados à história da cidade com a contribuição de pessoas que se interessam por determinados temas da pesquisa, historiadores de formação e interessados em história. Tornou-se Serviço de Utilidade Pública por lei municipal, nº 5096/2011^{§§}, em 24 de Novembro de 2011, a partir de uma propositura do então vereador Olímpio Oliveira de acordo com nosso entrevistado, fato que nos aponta para as possíveis relações de poder que os espaços de informação carregam. Isento de remuneração, o trabalho de pesquisa e manutenção do blog acontece com a contribuição voluntária de quem autoriza informações, ou cede materiais, e dos autores dos artigos publicados. Não há relação de trabalho remunerado em torno do que é realizado naquele espaço virtual, assim como não há grandes publicidades anexas à página. Há mais valor no simbólico daquele espaço.

Para este artigo, utilizamos a metodologia da História Oral buscando obter mais informações sobre aquele blog de história da cidade, para além das que lá estão postas. Entrevistamos o professor e administrador Emmanuel Sousa, um dos criadores do blog, e o graduando em História, Erik Brito que tem alguns artigos publicados.

Emmanuel Sousa nos contou em entrevista que o blog RHCG surgiu de uma prática de colecionismo iniciada ainda na infância. Ele e seu amigo, “desde a época da escola” Adriano Araújo, com quem criou o espaço, costumavam guardar materiais relativos, segundo ele, à história política da cidade. Afirmou que a cada imagem que lhes aparecia, fotografias,

^{‡‡} De acordo com o site < <https://www.significados.com.br/blog> >, acessado em 30 de Agosto de 2016.

^{§§} De acordo com informação disponível no Blog RHCG.

ou fotografias digitais de fotos antigas, buscavam contextualizar historicamente, e assim foram construindo o blog que se conhece na atualidade. Revelou não seguirem uma cronologia dos fatos como são apresentados, mas buscarem oferecer informações verossímeis.

O historiador Eduardo Ismael Murguia^{***} é pesquisador interessado no diálogo da memória com bibliotecas e arquivos, além de pesquisas acerca da ciência da informação no Brasil. De acordo com ele, podemos pensar que a relação das pessoas com os objetos que se estabelece de diversas maneiras: afetivas, utilitárias ou até imperceptíveis, mas obedecendo a um sistema próprio de características comuns, que podemos classificar de colecionismo. Roger Chartier (1998) aponta para o fato de que o formato digital não exclui a produção dos formatos impressos dos livros, o formato digital é mais uma coisa com a qual o leitor se relaciona, através de técnicas que se modificam de acordo com cada formato. Devemos então pensar a informação enquanto coisa que se pode colecionar, modificar de formato, tornar pública ou guardar, mas, com as quais sempre nos relacionamos, de acordo com a maneira como elas se apresentam.

Perguntamos ao professor Emmanuel Sousa se o blog através do trabalho realizado, busca zelar pela memória da cidade

O reconhecimento de utilidade pública já nos deu essa certeza. O blog é um desses mecanismos de preservação, de cuidado e de informação, e faz com que a história da cidade seja preservada (...) Nós conhecemos vários “baús” que ainda precisam ser abertos, pra que a gente não deixe acabar. Tudo isso, quanto mais tempo passa guardado, mais está sendo deteriorado, sofrendo às ações do tempo, e infelizmente, os danos sobre esse tipo de material são, muitas vezes, irreversíveis... Ainda fica aquela esperança de que as memórias guardadas sejam bem preservadas, por que, um dia, todas elas precisarão ser colocadas ao alcance de todos. (SOUSA, 2016)^{†††}

E perguntamos ainda, se mediante a aceleração da vida cotidiana, ele verificava um maior interesse das pessoas em guardar memórias em formatos materiais ou digitais

Certamente. A questão do guardar memória é muito intrínseca do ser humano (...) Sempre vai querer guardar alguma coisa por que em algum momento, aquela peça vai contar uma história. (SOUSA, 2016)

Disse ainda que as páginas pessoais, na Internet, incentivam a vontade de guardar já que nelas é possível depositar fotos, vídeos e textos. Com essas considerações chegamos à discussão central deste artigo: o blog Retalhos Históricos de Campina Grande e as possibilidades enquanto lugar de arquivo e memórias no ciberespaço, apontando para uma História Digital.

^{***} Em entrevista ao InCID. MOSTAFA, Solange Puntel. Entrevista Eduardo Ismael Murguia. InCID Revista de Ciência de Informação de Documentação, Ribeirão Preto, v. 5, n. 2, p.164-184, set. 2014/fev. 2015.

^{†††} Todas as citações das entrevistas passaram pelo processo de *transcrição*, pequenas modificações nos elementos textuais que tornam o linguajar usual, de acordo com MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA. Fabíola, 2007.

Pierre Nora nos provoca sobre a aceleração da história “uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida” (1984, p. 7), a sensação de que a vida, o mundo e a memória se esvanecem muito rapidamente. Esta sensação suscita vontade de guardar às lembranças do que se perdeu do cotidiano das mentes e encontra na mundialização e da mediatização das culturas, contraditoriamente, causa e sustentação.

São rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas de uma sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1984, p. 13)

Identificamos a cultura *ciber* como o mais recente mecanismo aplainador dos particularismos das culturas, e justamente nela, especificamente no RHCG, verificamos *vontade de memória*. O blog RHCG, pode ser percebido como um lugar de memória pela necessidade em guardar as memórias da cidade. O trabalho desenvolvido artesanalmente a cada texto e imagem publicados pelos mantenedores do espaço, se torna importante diante do desejo de remontar a memória do passado da cidade de Campina Grande e encontra nos leitores do espaço a confirmação desse desejo. Entretanto, não observamos essas memórias envolvidas por uma *aura simbólica* capaz de parar o tempo, ou bloquear o trabalho do esquecimento, de integrar todos os leitores daquelas histórias num mesmo conjunto de sutilezas de significações. Assim como prevê Pierre Nora percebemos o RHCG como lugar de memória, mas como “lugares mixtos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade” (1984, p. 22), uma vez que, “os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose” (Ibid).

Como lugar de memória esse blog tem suas especificidades. Apesar de não possuir uma aura de simbolismo que resulte em comemorações e festas cívicas, por exemplo, é um lugar de memória simbólico, pelas representações que carregam as publicações, e funcional porque, de fato, contribui com a manutenção das memórias da cidade. Não atende a característica de lugar de memória material, por que, de acordo com o entrevistado, não são guardados documentos materiais.

O referencial teórico que, para nós, se mostrou melhor articulável, nos sugere a possibilidade de atualizar a ideia de memória-rede apresentada por E. Murguía e R. Ribeiro (2001), propondo um diálogo com Pierre Nora (1984) e os *lugares de memória*. Pensamos

que a memória-rede, que paira sobre o hipertexto^{†††} têm condições propícias, sempre que houver intenções de memória. Tudo o que está disponível na rede, os arquivos que já nascem digitais e os que são digitalizados, povoando o hipertexto, podem ser pensados enquanto lugar de memória-rede sempre que houver vontade de memória e um espaço dedicado a isso como no caso do RHCG. Um lugar de memória e de memória-rede que produzem uma história que é construída com contribuições de historiadores e não historiadores, que tem na Internet um suporte, este já com história própria e recente, e que é acessível e flexível, possibilitando migração de suporte, corte, cópia, intervenção, intromissão, identificação, repulsa. Um fazer para a história que envolve os sujeitos nos processos em torno da criação.

O entrevistado Emmanuel Sousa foi perguntado sobre como percebia a recepção da história praticada por eles, através da Internet e nos respondeu que

tudo fica mais prático. Um texto curto, mas, bem contextualizado, uma imagem que traz o impacto do visual, o público leitor vai se familiarizando com esse tipo de informação (...) Nesse contato do leitor com a história, a gente favoreceu o leitor. O principal interesse era fazer com que o campinense se sentisse convidado a contar sua história, a trazer seu material, a disponibilizar, a interagir. Então, as mídias sociais, favoreceram esse contato. (SOUSA, 2016)

Interessados em fazer com que o campinense entrasse em contato com sua história, tanto tomando conhecimento através da leitura dos artigos sobre a história da cidade, quanto tornando públicas suas histórias individuais e de família, o trabalho desenvolvido no blog RHCG, mistura as funções de autor, editor e leitor: processo típico da leitura e escrita digitais. Os autores editam e distribuem seus textos naquele espaço, assim como também são leitores, dos textos disponibilizados.

Como membro do Instituto Histórico de Campina Grande o professor Emmanuel Sousa falou sobre a produção de história sobre a cidade e disse que a história produzida sobre Campina Grande é muito restrita ao meio acadêmico, que o RHCG “veio quebrar esse paradigma” (SOUSA, 2016) e tornar pública uma história da cidade que era desconhecida da maioria dos campinenses. A partir do blog, segundo ele, surgiu um novo interesse nessas pessoas, em conhecer mais da história local e de contribuir com informações que acrescentariam aos conteúdos publicados, tornando a leitura da história mais atrativa que nos livros. Mas, não desconsiderou a possibilidade de publicar os conteúdos do blog, no formato de livro impresso, mantendo de acordo com ele, o modelo editorial da Internet.

^{†††} De acordo com Pierre Lévy (1999) é o conjunto dos textos em formato digital disponíveis na rede. Fluido, adaptável, composto por blocos e ligado por *links*, o hipertexto tende a aumentar o volume de informações sempre que uma informação nova (que pode ser constituída por textos, imagens, sons, etc.) é disponibilizada e conectada às outras já disponíveis na Internet.

Percebemos além da mistura nas funções relativas à autoria e publicação, uma preocupação com a indestrutibilidade dos textos na busca por novos formatos e na manutenção dos formatos mais antigos, como o livro. Roger Chartier afirma que

É preciso assegurar a indestrutibilidade do texto pelo maior tempo possível, através da utilização do novo suporte eletrônico (...) Ao mesmo tempo, para todos os textos cuja existência não começou com a tela, é preciso preservar as próprias condições de sua inteligibilidade. (1998, p. 153)

A conservação das fontes se mantém necessária pela verificabilidade delas diante da fragilidade dos arquivos digitais, suscetíveis às tormentas da Rede, mas, além da necessidade em manter os textos nos seus vários formatos, deve-se atentar para as significações que cada leitor produz individualmente a partir da relação leitor – texto, que também se diferencia a cada formato em que o texto se apresenta. A usabilidade desses documentos digitais ou digitalizados contribui à medida que são acessados, para a memória coletiva.

Também ouvimos a experiência de Erik Brito, graduando do último período no curso de História, na UEPB. Ele contou que ao ser convidado a publicar no Blog não acreditava na possibilidade de uma história praticada na Internet, mas que ao ter textos publicados, e ler os de outros autores, percebeu que aquele espaço se tornou uma fonte importante para a história da cidade. Perguntamos como ele via essa possibilidade de história aberta, capaz de sofrer interferências e de ser produzida por não historiadores. Ele afirmou que a história, sendo uma construção, não deve buscar uma verdade e que as lacunas, nesse caso se tornam interessantes pela possibilidade de novas contribuições dos leitores, com informações e até documentos, desconhecidos do pesquisador. Sobre a história de Campina Grande afirmou que “o blog é a modificação, a desconstrução que vem acontecendo paulatinamente” (BRITO, 2016).

Anita Lucchesi^{§§§} desenvolve pesquisas entre história e o mundo digital desde a graduação. Em artigo apresentado durante o XXVII Simpósio Nacional de História - ANPUH^{****} apresentou várias questões em torno da prática da História Digital^{††††}. Uma das ideias abordadas por ela é a de História Pública, desenvolvida por Serge Noiret. Para ela

a utilização sistemática de novas mídias por historiadores, e não historiadores, tendo a Web como uma espécie de mídia englobante, transformou a Internet em um espaço privilegiado para a comunicação pública da história (LUCCHESI. 2013, p. 8)

§§§ Mestra em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ/ 2014.

**** Simpósio Nacional de História, ANPUH – Natal, RN. 22 a 26 de Julho de 2013.

†††† Os novos problemas para a história na era digital foram inicialmente pensados por pesquisadores italianos como Serge Noiret (2004) e Dario Ragazzini (2004) *Storiografia Digitale*; e nos Estados Unidos, com Daniel Cohen (2005) e J. Roy Rosenzweig (2005), *Digital History*.

Classificada como História Pública Digital, a acessibilidade é uma das mais fortes características, além disto, essa história pública, depositada na Rede torna-se aplicável. As interferências do público leitor/autor/comentador, como no caso de nosso objeto, são o reflexo de uma prática possível para a história que se lança aos domínios de muitos.

Erik Brito falou sobre a questão da autoria nesses novos processos de leitura e escrita: “Eu acho que existe um preconceito muito grande, se está na Internet é de todo mundo, não tem autor, e a gente sabe que isso não é verdade” (BRITO, 2016). Chartier (1998) revela haver uma tensão no território da grande Rede, quando a questão é a leitura e o arquivamento: de um lado, os que leem e pilham^{****} documentos sem respeitar as convenções que se desenvolveram para essas práticas; e de outro, os que criticam essa ocupação da memória, desrespeitando as referências que serão lidas por outros. Devemos pensar historicamente novas práticas acerca da História Digital que compreenda fontes em formato digital, com uma narrativa diferente e que perceba a leituras coparticipavas, em níveis, uma arqueologia da leitura na Rede, capaz de levar a apreensões e problemas singulares.

As práticas de leitura como são apresentadas por Chartier (1989) nos possibilitam analisar os atos de produzir, editar e ler os textos historicamente, de maneira mais concreta que semântica e dedicada às condições e processos de leitura. Apropriação, compreensão e manipulação dos textos de maneira diversa pelos leitores, para além dos processos intelectuais, mas que coloca em “jogo o corpo, é inscrição no espaço, relação consigo ou com o outro.” (CHARTIER, 1989, p. 181) O texto não existe sem um suporte que lhe represente, o texto é um objeto, uma coisa manipulável, transformável, que carrega informações também pensáveis como coisas. Os textos, pelo trabalho de autores e editores estão em constante modificação na busca por novas apropriações que alcancem a pluralidade dos leitores, que produzirão novas relações a partir das novas maneiras como eles são apresentados.

O espaço de leituras do RHCG parece ser pequeno para tanta informação. Entre os conteúdos publicados, comentários dos leitores, mural de recados, índice de publicações, recomendações para a organização da leitura, registros em imagens e audiovisuais que conseguem aguçar a curiosidade do interessado em história de Campina Grande. A disposição dos assuntos naquele espaço, diversa e acessível, pode ser tomada como uma representação da história de Campina Grande, capaz de proporcionar apropriações interessantes para a pesquisa sobre a história da cidade.

^{****} Expressão utilizada por Pierre Lévy (1999) para o arquivamento de documentos retirados da Internet.

Acreditamos que a observação das práticas de leitura e escrita que acontecem naquele espaço, ou em outros espaços dedicados a memória na rede, pode contribuir em muito para a História, pelos necessários novos olhares que devemos fazer. O leitor do texto digital deve ser valorizado como apropriador e transformador de representações textuais, com implicações na identidade e memória, no nosso caso, de uma cidade. Já os textos, tomados como coisas pensáveis historicamente, precisam ser observados em suas peculiaridades na rede, e esta, como novo objeto para o qual a história precisa se abrir.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos em uma história digital no *Ciberespaço* consideramos uma parcela dos acontecimentos, memórias e histórias que passam por este meio. De acordo com Carlo Ginzburg^{§§§§} a Internet não é democrática, mas é potencialmente democrática. Esse tipo de história, mesmo diante da mundialização das culturas, não é universal, mas a Internet, pensada como meio, lugar, arquivo ou técnica é um acontecimento no tempo e pode ser pensada historicamente.

Como historiadores no presente, temos diante de nós a realidade virtual como um acontecimento que chegou primeiro à história, introduzindo sutis modificações no seu fazer, que aos historiadores. Percebemos o grupo dos que veem nisto uma possibilidade de alargar os horizontes da pesquisa; e o grupo dos que, mesmo provocados pela incômoda realidade, em que já não podemos mais pensar nas questões de tempo histórico, memória e arquivo da maneira como se elaborava em décadas passadas, preferem não pensar nos acontecimentos em torno da cultura *ciber* como potencialmente históricos, necessitando de trato específico.

Quanto à atualidade do objeto pesquisado, os sete anos do blog Retalhos Históricos de Campina Grande – RHCG, criado em 2009, levantamos as discussões teóricas da História do Tempo Presente como possibilidade teórico-metodológica que pudesse contribuir com nosso trabalho, entretanto, observamos nesta temática, que as maneiras de se produzir história pelos lugares de memória e as representações textuais da história da cidade dispostas no blog, como práticas já reconhecidas pelos historiadores e que apenas estão ganhando novos espaços. Assim, pensamos nesse tema não como uma história do Tempo Presente, mas, no tempo presente.

^{§§§§} Em palestra anteriormente citada. Nota 3.

Vemos o blog RHCG, como um espaço que contribui para a história local, com fazeres próprios, construindo-se a si, ainda que buscando dialogar com os acadêmicos da história, consolidando seu arquivo relativo à memória da cidade de Campina Grande de maneira simples e efetiva através do hipertexto, tornando-se referência para periodistas e historiadores interessados pelas histórias da cidade.

Sobre a fidedignidade dos documentos digitalizados, não podemos afirmar sobre o que será dessa prática, se surgirão, ou já estão surgindo, mecanismos capazes de confirmar textos e imagens de acordo com os originais. O que verificamos é a vontade dedicada em guardar memórias que encontra na Internet o lugar ideal para tantos registros. Verificamos ainda, os desdobramentos dessa vontade de memória que se completa no espaço *ciber*, em uma história coletiva que tem suas práticas de escrita, edição e publicação de textos compartilhados entre outros sujeitos um tanto distanciados do universo de pares da academia.

Por maior que seja a necessidade de precaver o esquecimento, não se pode guardar tudo, assim como as representações por textos, imagens ou em outros formatos não são capazes de trazer vida nova a uma memória que já encontrou lugar para repouso. Reduzidas a estes signos contemporâneos, nos formatos de textos, registro, notícias a vontade de memória nem sempre significa o desejo de lembrar. Esses processos seguem singulares e históricos, passando nesse momento, pela fase das memórias digitais no mundo conectado.

As histórias que incluam o *Ciberespaço* como espaço de arquivo, memória, escrita e leituras, estão se fazendo aos poucos. As práticas de leitura e escrita na Internet se tornam cada vez mais cotidianas, na mesma medida em que os dispositivos computacionais se confirmam socialmente. No ano de 2012, através de um concurso nacional conhecido como *Top Blog***** que acontece em etapas de voto popular pela Internet, o RHCG conquistou o prêmio de terceiro blog mais votado de todo o Brasil, na categoria cultura. “o que comprova a popularidade do Blog”, de acordo com o entrevistado, o professor Emmanuel Sousa (2016). Com mais de dois milhões de acessos desde a criação em Agosto de 2009, as quase duas mil publicações disponíveis no espaço, revelam existir uma grande busca pelos conteúdos de história da cidade, da maneira como estão lá depositados. Estes números reafirmam nossa intenção de pesquisa.

Tomar o espaço virtual como um lugar possível para pensar questões da história tem se tornado, num tempo curto, importante. A pesquisa, o arquivamento e até mesmo o ensino da disciplina estão atravessados por estas tecnologias *ciber* e digitais. Os usos desses

**** Disponível em: < <http://www.topblog.com.br/> > Acesso em: 06 de out de 2016.

mecanismos pelos responsáveis em pensar a História, também leitores e escritores que já contribuem com o hipertexto, sugere uma maior e mais detalhada reflexão.

RESUMEN

Al reflexionar sobre las posibilidades de una Historia Digital por la cual se puede tomar el Ciberespacio en sus peculiaridades para la investigación de la historia, el presente artículo trata de analizar el blog Retalhos Históricos de Campina Grande como un lugar de la memoria, y por las prácticas de la lectura y la escritura como una forma de representación, presentando con este fin, una breve discusión que atraviesa la Historia Cultural, sino también en cómo ciertos teóricos piensan la memoria. Se aproxima del blog investigado, por la práctica de la Historia Oral por medio de dos encuestados, escritores y lectores del blog. Se presenta una discusión fundamental de la Historia del Tiempo Presente en busca de situar teórica y metodológicamente el objeto de dichos asuntos recientes.

Palabras-Clave: Ciberespacio; Historia Digital; Lugar de memoria.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leandro Coelho de. **Cultura digital e fazer histórico**. Estudo dos usos e apropriações das tecnologias digitais no ofício do Historiador – Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Março de 2012. Disponível em: < <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/769/1/aguiar2012.pdf>> Acesso em: 14 de Março de 2016.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro - do leitor ao navegador** - conversações com Jean Lebrun – São Paulo: Editora UNESP, 1998.

_____ **O Mundo como Representação**. Revista das Revistas. Texto publicado com permissão da revista Annales, n° 6. Nov-Dez. 1989.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru, São Paulo: Edusc, 1999.

COLOMBO, Fausto. **Os Arquivos Imperfeitos: memória social e cultura eletrônica**. São Paulo, Perspectiva, 1991.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória: a problemática da pesquisa** – 2ª ed. – Passo Fundo: UFP. 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. – São Paulo: Ed. 34, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**, Vol. II – Memória. Lisboa. Edições 70. 1982.

LUCCHESI, Anita. **História e Historiografia digital** - Diálogos possíveis em uma nova esfera pública. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal, RN - 2013. Disponível em: < <http://docplayer.com.br/14570950-Historia-e-historiografia-digital-dialogos-possiveis-em-uma-nova-esfera-publica.html>>

Acesso em: 24 de Maio de 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom/ HOLANDA, Fabíola. **História Oral** - como fazer, como pensar – São Paulo: Contexto, 2007.

MURGUIA, Eduardo Ismael; RIBEIRO, R. D. P. **Memória, História e Novas Tecnologias**. Impulso. Piracicaba, v. 12, p. 175-186, 2001. Disponível em: <http://docplayer.com.br/12254198-Memoria-historia-e-novas-tecnologias.html> Acesso em: 10 de Junho de 2016.

NORA, Pierre. **Entre memória e história** – A problemática dos Lugares. In: Les lieux de mémoire. I La République, Paris. Gallimard. Tradução: Yara Aun Khoury (Departamento da PUC-SP) 1984.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

FONTE DIGITAL

ARAÚJO, Adriano; SOUSA, Emmanuel, maio a set de 2016. Blog Retalhos históricos de Campina Grande. História da cidade de Campina Grande – PB. Recuperado a partir do link < <http://cgretalhos.blogspot.com.br/> >

FONTES ORAIS

BRITO, Erik. 2016. Entrevista concedida a autora na data de 26 de Agosto de 2016. SOUSA, Emmanuel. 2016. Entrevista concedida a autora na data de 25 de Agosto de 2016.